



A FAMÍLIA SCARLATTI

É UMA FAMÍLIA QUE ABRE NOVOS HORIZONTES. MAS OLHE, LEITOR, SE PRECISA DE PERGUNTAR O PREÇO DE ADMISSÃO É PORQUE NÃO TEM DINHEIRO PARA VIVER COM ELA.

Referências...

Profissionalizei-me nas ciências duras, exactas. Habituei-me a preferir a quantificação à qualificação, sempre que possível. Quando me dizem que vai depressa, pergunto a que velocidade. Se me dizem que é pesado, pergunto quantos quilos. A qualificação abre o caminho aos palpites, às opiniões, e estas aos aldrabões e aos fala-barato. Claro que para haver quantificação são necessárias referências e, quando estas não existem, só resta mesmo... a qualificação. Mas mesmo esta tem de ser fundada em referências consolidadas.

Como se pode avaliar honestamente um sistema de reprodução de som? Como se pode descrever o cheiro de uma rosa? Resposta? Não se pode, senão através de palpites, opiniões e vagas referências guardadas na memória individual e que, obviamente, variam de pessoa para pessoa. Eu tento manter essas referências, assistindo quase semanalmente a concertos ao vivo. Mas chega? Não.

A começar pelos auditórios.

Na Gulbenkian, por exemplo, ouvir música num qualquer lugar do balcão é frustrante e uma pura perda de tempo. Obtêm-se me-

lhores resultados com um bom rádio de cozinha. A plateia tem razoáveis condições, mas o que se ouve varia muito de um ponto da sala para outro. A única forma de tentar tirar a sala da equação é ficar na primeira fila, o mais ao centro possível. É aí que se tem a imagem «estereofónica» da orquestra, quase inadulterada, que poderá servir de referência.

O Coliseu é outra frustrante perda de tempo. A melhor orquestra do mundo não consegue mais que produzir uma espécie de «omelete» de sons que nos é atirada à cara, recheada com os guinchos e gemidos das cadeiras da plateia e com o tamborilar da chuva no telhado, quando chove.

O CCB está entre a Gulbenkian e o Coliseu, e do Pavilhão Atlântico nem vale a pena falar. Tudo isto é pouco, é pobre, mas é o que temos.

Mas, atenuado o problema da sala pela escolha do lugar mais adequado, tudo o que ali se ouve serve de referência? Não. Há as leituras, as interpretações, as execuções.

Foi referência a fantástica execução da 13ª Sinfonia de Chostakovitch pela Orquestra da Juventude Gustav Mahler (quem disse que

uma orquestra sinfónica não cabia no palco da Gulbenkian?), mas já não o foi a barulhenta, confusa e desastrosa execução da 3ª Sinfonia de Prokofiev, que teve lugar algumas semanas antes. Nestes casos é mesmo necessário ir para casa «lavar os ouvidos» com uma razoável gravação da mesma obra.

São estas raras e magras referências que tentamos guardar na traiçoeira memória, para avaliar a que ponto se aproxima da verdade a reprodução de um qualquer sistema de som.

Mas isto chega? Nem por isso! O que ouvimos quando pomos a «tocar» um CD é a gravação que foi feita numa certa data, em certo local e em certas condições. Como se fosse uma «foto» (vídeo, se quiserem) de um acontecimento. Que, como uma foto, foi feita em certas condições de iluminação, contraste, meio ambiente, competência profissional, etc., que desconhecemos. Que pode ter sido «falsificada» (e na grande maioria dos casos o foi) em relação à «execução real da peça» (microfones localizados junto a alguns instrumentos para lhes dar mais realce, «brincadeiras» pós-gravação no estúdio, como se se usasse o *Photoshop*, etc.). Ter em conta que o pró-



prio Karajan não dispensava, após a gravação, tomar o seu lugar no estúdio de som e puxar pelos violoncelos aqui, atenuar os clarinetes ali, corrigir a entrada dos violinos acoli, enfim, fazer aquilo que devia ter sido feito quando da execução da peça. Mas isto estará errado? Afinal trata-se de criar um produto para vender.

Para a avaliação de um sistema tentamos esquecer esta enorme quantidade de variáveis que tornam o problema insolúvel, e tentamos decompor o som que ouvimos em componentes mais facilmente avaliáveis, como a rapidez do ataque das notas, a realidade dos timbres, a dimensão do som, a separação dos instrumentos, as microdinâmicas (que frequentemente se ouvem mais facilmente numa gravação do que num concerto) e a gama dinâmica global (frequentemente exagerada nas gravações para compensar a falta de dinâmica dos sistemas mais pobres). Não é fácil, mas sempre é uma aproximação.

Gosto do sistema que possuo, mas basta passarem umas semanas, ou mesmo dias, sem ouvir uma orquestra ao vivo para ser frequentemente surpreendido com um enorme arripio de surpresa e prazer quando ouço os primeiros compassos de um concerto. Quando o som é «bom». Outras vezes fico ansioso por ir para casa para poder ouvir música. Será de estranhar?

Cedendo aos meus impulsos quantificantes, decidi em tempos usar uma espécie de padrão mental de referência, obviamente discutível e subjectivo, para atribuir uma percentagem de «realismo» aos sons produzidos por diferentes sistemas de áudio e suas combinações com as salas, em comparação com os «melhores» sons ouvidos ao vivo.

Os 100% representam obviamente o acontecimento real, como tal irreproduzível com o mesmo grau de realidade. Os 95%

considero-os um milagre, e os 90% talvez o máximo que alguém possa tirar de um sistema de som e sala de audição. O meu sistema, enfim, estará algures entre os 85 e os 90%, e sei que qualquer ponto percentual de melhoramento implica uma despesa ridiculamente desproporcionada.

Pelo menos eram essas as minhas convicções.

Expectativas...

Quando os preços são elevados, também o são as expectativas. Quanto mais alto se sobe, contudo...

É frequente, infelizmente, que as peças de muito elevado preço acabem por gorar as expectativas. Claro que a uma muito elevada qualidade tem de estar associado um muito elevado preço. O inverso, contudo, nem sempre acontece. Será que a família Scarlatti cumpre o que o seu estratosférico preço promete?

Para começar, um pouco sobre ela.

É constituída pelo patriarca, o papá, um poderoso e volumoso transporte CD/SACD, de aspecto tão imponente e sofisticado quanto o seu preço.

Pela mamã, mais pequena, um DAC cheio de funções e opções, e um filho sensato, o relógio, que funciona como uma espécie de conselheiro matrimonial que consegue pôr o papá e a mamã sempre de acordo, regulando a saída de *bits* de um para o outro como se fossem soldados chineses em parada. *Jitter* é palavra que a família desconhece.

As três peças, com os seus painéis frontais inclinados para trás, parecem convidar à colocação umas sobre as outras, numa espécie de misteriosa pirâmide inca. Curiosamente verifica-se que isso não é possível (sem o auxílio de uns apoios extra), já que as diferentes dimensões e a posição dos pés não o permitem. Pena!





O transporte usa um mecanismo TEAC Esoteric VRDS Neo para recolher informação dos discos. Os dados recolhidos dos CD's são sobreamostrados para a frequência DSD (*bitstream* à razão de 2,822 MS/s), que é o formato SACD, e enviados ao DAC através de uma ligação IEEE 1394 Firewire. A versatilidade é elevada, mas seria maçador e desinteressante estar aqui a descrever todos os tipos de saídas que proporciona.

O conversor utiliza o patenteado *dcs* Ring DAC, de configuração discreta e balanceada,

melhorado com fontes de alimentação independentes para todas as secções digitais e analógicas, e com uma capacidade de processamento superior. Toda a topologia, seus componentes e programas foram criados, desenvolvidos e produzidos pela *dcs*. Para além de uma variedade de entradas de sinal, dispõe de um botão de volume que permite a sua utilização num sistema sem pré-amplificador, e a tensão do sinal de saída pode ser seleccionada entre 2 ou 6 Volt, consoante as características do amplificador de potência e das colunas

utilizadas. Proporciona ainda uma escolha entre quatro filtros digitais no modo DSD, para que o utilizador possa escolher a configuração que mais lhe agrada.

Finalmente, o relógio (*master clock*) elimina os erros de temporização que podem ocorrer no DAC e que se reflectem na forma de onda analógica final.

Todo o sistema é comandado por um telecomando Philips Pronto de ecrã táctil. Devido à grande variedade de opções, é fácil para o utilizador desavisado perder-se no meio da floresta de menus, pelo que lhe é recomendado algum estudo prévio, embora, graças ao comando «Home», possa sempre voltar ao princípio, quando estiver perdido.



Feita a instalação do sistema em minha casa e introduzido um primeiro CD, sacado ao acaso do monte (uma boa gravação do Concerto para Violino de Britten), logo aos primeiros sons percebi que estava perante algo de excepcional. Estava acompanhado pelo representante da *dcs*, António Almeida, e seu braço direito, Nuno Cristina, que aliás tinha procedido à instalação, e o facto de nos mantermos calados, imóveis e atentos durante uma boa meia hora, como que siderados, é bem a medida da impressão causada.



Não é sistema que se «insulte» com os habituais comentários sobre os agudos, os graves, a imagem e outras tretas a que sujeitamos as peças «inferiores». É que não há nada para criticar. A clareza, a transparência, a precisão, a rapidez, a correcção dos timbres, especialmente a solidez e a tridimensionalidade dos sons estão um bom palmo acima de tudo aquilo que tenho ouvido até hoje e bem para lá do que eu julgava ser possível, pelo menos com o meu sistema e em minha casa.

Claro que as más gravações são facilmente denunciadas como tal. A assinatura sonora das salas ou estúdios onde as gravações foram feitas é clara e nítida, e as posições em que foram colocados os microfones perfeitamente «visíveis».

A imagem, a «fotografia» da gravação é apresentada em alta definição, sem nada a mais nem a menos, com todas as cores perfeitamente naturais e todos os contornos perfeitamente definidos. Que mais há a dizer?

E o preço é justificado? Ah, pergunta difícil! A verdade é que nunca ouvi nada com que os pudesse comparar, pelo que cada um terá de responder a essa pergunta por si próprio, tendo em conta a profundidade do seu bolso e o seu amor pela música. Se eu os comprava? Sem dúvida. Só que nunca herdei uma fortuna, nunca trafiquei armas ou drogas, nunca fui administrador de uma empresa de que valesse a pena sê-lo, nem nunca fui gestor público nem sequer intermediário de submarinos, cacilheiros ou mesmo chatas. Também nunca consegui reunir o descaramento e a hipocrisia suficientes para ser um político de sucesso. Isto tendo em conta que o que mais interessa é ser pós-político! Resultado: os Scarlatti estão fora do meu alcance.

Revelação...

Os Scarlatti vieram mostrar-me como eu

subestimava o potencial dos CD's e a capacidade de um sistema se aproximar da verdade! Vieram também mostrar que a minha pífia tentativa de quantificação da fidelidade dos sistemas está desactualizada, já que não posso deixar de atribuir um mínimo de 90% ao som produzido pelos Scarlatti no meu sistema, na minha sala.

Tenho uma sala de dimensões razoáveis, sem assinatura acústica que incomode ou prejudique a audição, mas não posso deixar de pensar que ter os Scarlatti em minha casa é muito parecido com ter um Ferrari para andar na Avenida da Liberdade, em Lisboa. É que, depois de ouvir o que ouvi, mal consigo imaginar o que será que eles conseguem tirar das gravações em condições ideais.

Assim, senhores milionários, se têm um pouco de sensibilidade à beleza e se a encontram, por acaso, na música, façam como vos digo. Construam, modifiquem ou adicionem à vossa mansão (que suponho isolada, sem vizinhos para incomodar ou vizinhos que «o incomodem») uma sala com uns 100 ou mais metros quadrados, com as dimensões adequadas (ver o que são as «dimensões de ouro»), e tratem-na adequadamente do ponto de vista acústico. Façam colocar nela, por conhecedores, uma família Scarlatti, acolitada pela melhor amplificação e as melhores colunas que conseguirem encontrar. Disse as melhores, não necessariamente as mais caras, hein?

Seleccionem, para cada CD, o volume de som que esteja perto das condições em que foi feita a gravação (donde a necessidade das generosas dimensões da sala e da ausência de vizinhos), e verificarão que as boas gravações lhes permitem ouvir mais do que se passa dentro da música do que as audições ao vivo, mesmo das melhores orquestras. A ponto de, se calhar, deixarem de se dar ao incómodo de assistir a concertos, seja aonde for e seja por quem

for, já que muitas das vezes sairão deles algo decepcionados, habituados como estarão à imagem super-realista da música que vão ter em casa. Os tais milagrosos 95% de que falei serão facilmente ultrapassados, e não sei se o sistema parará nos 100% (que me perdoem os matemáticos puristas).

Disporão de uma máquina do tempo fabulosa, que vos transportará, de entre muitos exemplos, a 1968, onde poderão «assistir» à Orquestra Sinfónica de Londres dirigida por Georges Szell a «gravar» o *Des Knaben Wunderhorn* de Mahler, em que o malogrado engenheiro de som Christopher Parker conseguiu o quase milagre da gravação perfeita.

Ou poderão deambular entre 1958 e 1966, assistindo às múltiplas sessões de gravação da melhor tetralogia *O Anel dos Nibelungos* de Wagner que foi legada à humanidade, com George Solti a dirigir a Filarmónica de Viena no seu melhor e uma colecção de cantores que nunca mais se ouvirão.

Ou poderão mesmo ir a 1957 assistir ao mais belo e comovente trio do final do último acto de *O Cavaleiro da Rosa* de Strauss, cantado pelas saudosas Schwarzkof, Ludwig e Stich-Randall, dirigidas por Karajan.

E aqui, caros amigos, se ainda não tiverem as vossas almas embotadas pela ganância, e nelas se encontrar um resquício de humanidade, não conseguirão evitar verter uma lágrima de emoção. E dirão... bendito dinheiro!

Preços:

dCS Transporte CD/SACD: 24.500 €

dCS Dac: 17.000 €

dCS Upsampler: 9.750 €

dCS Master Clock: 7.500 €

Representante: Ajasom

Telefone: 21 474 87 09

Web: www.ajasom.net